

## Marquês de São-Payo: presente!<sup>1</sup>

---

Justino Mendes de Almeida

Quando o Conselho Académico deliberou que me coubesse uma das intervenções na comemoração do centenário do nascimento do Dr. António Pedro da Luz de São-Payo de Melo e Castro, 7º conde e 3º marquês de São-Payo, entendi que tinha o dever de não recusar tão honroso convite. Antes de mais, porque, tendo eu sido seu sucessor na cadeira nº 10 nesta Academia, competia-me não deixar passar em claro esta data digna de nota na vida de tão ilustre predecessor académico. Depois, porque tendo eu feito o elogio de D. António Pedro e da sua obra em 1981, reconheço que tenho hoje, passados anos, conhecimento mais vasto e mais profundo da sua notável bibliografia histórica e da actualidade que mantém. Também por isso, com a minha aceitação, não hesitei em indicar de imediato o título da minha comunicação que, à primeira vista, poderá parecer um tanto estranho: *Marquês de São-Payo: presente!* Presente porque o temos connosco aqui, presente em espírito, e através da sua obra imperecível – para além das doações de espólios que enriquecem o património da Academia e da criação de prémios históricos, heráldicos e genealógicos, de que é patrono, instituídos por devoção filial de Francisco José da Gama Caeiro e de Madalena São Payo da Gama Caeiro – Marquês de São-Payo, presente, dizia, como um dos varões assinalados “em quem poder não teve a Morte”.



D. António Pedro Maria da Luz de São-Payo de Melo e Castro, oriundo de nobres famílias, nas quais sobressaem figuras notáveis da história portuguesa, procurou, desde muito cedo, não desmerecer dos seus antepassados. Tendo

---

1 Na Academia Portuguesa da História.

iniciado estudos universitários na Faculdade de Direito de Lisboa, frequentou, após a conclusão deste curso, o primeiro ano da licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas, não tendo prosseguido porque, nesse mesmo ano de 1931, foi aprovado no concurso para os quadros diplomático e consular, tendo desempenhado funções de adido de legação, de cônsul e de secretário de legação.

Circunstâncias favoráveis na vida permitiram-lhe dedicar-se em pleno aos estudos históricos. Não creio que essa opção lhe tenha sido proporcionada pela frequência do primeiro ano de um curso em que a ciência histórica tinha um papel fundamental – ainda que tivesse tido a sua importância na formação cultural do jovem António Pedro; creio antes que os estudos jurídicos – tão próximos dos estudos históricos em algumas disciplinas essenciais (temos sempre o exemplo de Paulo Merea, que era simultaneamente professor de Direito e em Letras, doutor em ambas as faculdades) – o Marquês de São-Payo conhecia por certo os trabalhos modelares deste Mestre eminente – a formação jurídica e a prática diplomática, dizia, facilitaram-lhe as vias que o levaram, com o decurso dos anos, a ocupar lugar de grande relevo no estudo da História, e nesta da Genealogia e da Heráldica.

Creio, porém, que, mais do que nos estudos universitários, na própria casa paterna, na freguesia da Sé Catedral da cidade do Porto (“daqui houve nome Portugal”, apotegma camoniano que parece inspirar, mais do que qualquer outro lugar do Reino, quem tem verdadeira vocação para os estudos históricos) lhe foi proporcionado um ambiente em tudo propício, pela consubstanciação da vivência dos seus antepassados, se não pela voz de seu pai D. Manuel de São-Payo Melo e Castro – casa de pais, escola de filhos – a optar um dia pelos estudos históricos.

Digo isto, porque o mais antigo trabalho que conheço na muito extensa bibliografia de D. António Pedro é *Uma Carta Inédita de Parentesco e Brasão de Armas*, publicada em Lisboa, em 1921, aos dezanove anos, portanto enquanto estudante.

Ao entrar na Academia como sócio correspondente, em 13 de Julho de 1938, o Senhor Marquês de São-Payo, que nesta instituição desempenhou funções de vogal do Conselho Académico, apresentava-se com um currículo nos domínios da investigação, invulgar em quantidade e qualidade. E prosseguiu com o maior entusiasmo o trabalho aturado de pesquisa. Foi, por direito próprio, elevado à categoria de académico de número em 26 de Março de 1968, investido na cadeira nº 10, tendo sido elevado a académico de mérito em 16 de Junho de 1978. Na cadeira nº 10 foram seus antecessores o Prof. António Augusto Esteves Mendes Correia, que a ocupou de 1945 a 1960, e Monsenhor José de Castro, de 1962 a 1966. A simples evocação destes nomes dá a conhecer quanta responsabilidade rodeava o futuro titular da cadeira: Mendes Correia foi um operoso investigador a quem se deve o trilho de novas sendas nos domínios da Antropologia; foi um criador de Ciência, e não mero repetidor: a sua teoria sobre a interpretação de um passo da *Ora Maritima* de Avieno, no qual se encontraria a primeira alusão aos Lusitanos, é de tal maneira engenhosa que ainda hoje encontra aceitação; por outro lado, foi um docente preocupado com a criação de escola científica: deixou alguns discípulos que não ficaram aquém do Mestre, como é o caso de Jorge Dias, na Etnologia, e de Santos Júnior e outros nos domínios da Arqueologia. A sua actuação na Escola Superior Colonial e na Sociedade de Geografia de Lisboa pautou-se pela defesa intransigente e real progresso do Ultramar.

Por seu turno, D. José de Castro foi o investigador paciente, fecundo e consciencioso da intervenção portuguesa no Concílio de Trento.

Cultor embora de estudos diversos, o Senhor Marquês de São-Payo não desmereceu dos seus eruditos antecessores. Pelo contrário: nos domínios científicos que professava realizou e publicou trabalhos que bem justificaram a honra da sucessão.

Se bem que o nome do Senhor Marquês de São-Payo sobressaia em especial na História, na Genealogia e na Heráldica que são ciências históricas das mais individualizadas, não é justo lançar no baú dos esquecidos a sua actividade diplomática, e benemerente, como obra somenos, porque então não saberíamos justificar a concessão de tantas veneras, como seja, a Ordem

Militar de Sant'Iago da Espada, o grau de cavaleiro de Honra e Devoção da Ordem Militar e Hospitaleira de São João de Jerusalém, Rodes e Malta, a medalha da Cruz Vermelha de Dedicção e de Benemerência e a medalha da Cruz Vermelha Belga.

A obra histórica do Marquês de São-Payo contempla uma diversidade de temas inimaginável. Se, pela dimensão, seria inevitável que nem todos se revestissem de igual interesse, há, no entanto, um largo número em que como se adivinha o empenho que pôs na sua redacção. Por exemplo: como lhe teria sido grato redigir o estudo *História e Genealogia da Casa de São-Payo!*

Saliento também os estudos que consagrou à Ordem e às igrejas do Carmo. Não andarei longe da verdade, se disser que, dos Académicos da nossa Academia, foi um dos que mais, se não o que mais comunicações aqui apresentou, pois, de 1939 a 1978, conto 34 comunicações.

É sabido, tanto em Portugal como no estrangeiro, que o Senhor Marquês de São-Payo ficou conhecido como sapiente estudioso nos trabalhos de genealogia e de heráldica, que teve a seu lado ilustres conhecedores nestes estudos, como Afonso de Dornelas, Luís de Bivar Guerra, Eugénio Andrea da Cunha e Freitas, Domingos Maurício Gomes dos Santos, e contribuiu para a formação de discípulos e continuadores que prosseguiram a obra do Mestre. Um deles, o nosso eminente confrade Augusto Ferreira do Amaral, ouvimo-lo dissertar com tal proficiência qual discípulo digno de um Mestre. E se um autor se afirma pela obra que legou, para proveito dos vindouros, se pôde formar discípulos, então atingiu o auge da pedagogia. Aos que tal conseguiram está-lhes reservado o superlativo de Professor que é a palavra Mestre. Considero neste caso D. António Pedro Maria da Luz de São-Payo de Melo e Castro.

Não terminarei esta homenagem sem recordar que o Senhor Marquês de São-Payo foi também um patriota, virtude que se revela na leitura dos seus trabalhos, que foi também um defensor da língua portuguesa, sempre que via o nosso idioma invadido por uma chusma de neologismos; foi um *laudator temporis acti*, ao recordar eminentes nomes dos estudos históricos

que tendem a ficar esquecidos na memória curta dos homens: Afonso de Dornelas, Monsenhor José de Castro, António Baião, Fernando Martins de Carvalho, António Ferreira de Serpa. E, se necessário, saía em defesa de grandes figuras agravadas, como no caso de Anselmo Braamcamp Freire.

Quando em 1981 pronunciei o elogio do Senhor Marquês de São-Payo como seu sucessor na cadeira nº 10, longe estava de pensar que, vinte e um anos depois, me seria proporcionada a oportunidade de voltar aqui para celebrar o centenário de um “varão assinalado” nas Letras históricas, e poder manifestar, perante tão luzida assistência, da qual distingo os ilustres familiares que por certo se orgulham do seu ínclito ascendente, a muita admiração da Academia por quem, como exemplo de dedicação e de competência nas matérias que professou, será para sempre recordado com devoção e reconhecimento.

Por tudo, repito como comecei: Marquês de São-Payo, presente!

Lisboa, Natal de 2002